Ano 2022

Taciana Chiquetti

Maria Sandra Montenegro

# Filosofia Ubuntu:

## Busca de sentidos, caminhos para compreensões

Ano 2022

Taciana Chiquetti

Maria Sandra Montenegro

# Filosofia Ubuntu:

## Busca de sentidos, caminhos para compreensões

**Editora chefe**
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
**Editora executiva**
Natalia Oliveira
**Assistente editorial**
Flávia Roberta Barão
**Bibliotecária**
Janaina Ramos
**Projeto gráfico**
Bruno Oliveira
Camila Alves de Cremo
Daphynny Pamplona
Luiza Alves Batista
Natália Sandrini de Azevedo
**Imagens da capa**
iStock
**Edição de arte**
Luiza Alves Batista



Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

CIÊNCIAS
HUMANAS
E SOCIAIS
APLICADAS

Atena
Editora
Ano 2022

# Filosofia Ubuntu: busca de sentidos, caminhos para compreensões

**Diagramação:** Bruno Oliveira
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga
**Revisão:** As autoras
**Autoras:** Taciana Chiquetti
Maria Sandra Montenegro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C541 Chiquetti, Taciana
Filosofia Ubuntu: busca de sentidos, caminhos para compreensões / Taciana Chiquetti, Maria Sandra Montenegro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0330-2
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.302222706

1. Filosofia. I. Chiquetti, Taciana. II. Montenegro, Maria Sandra. III. Título.

CDD 100

**Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

**Atena Editora**
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DAS AUTORAS

As autoras desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

*Consensos e distorções sobre os princípios essenciais de uma das bases da filosofia africana e sua visão de humanidade, relações e fluxo da vida*

# APRESENTAÇÃO

As ideias e pressuposições elaboradas por modelos cartesianos da cultura ocidental moderna se mostram insuficientes há um bom tempo para dar conta da complexidade humana, a qual passou a exigir concepções mais amplas, especialmente quanto às dinâmicas dos vínculos entre existências humanas e não humanas.

Esta publicação busca apresentar os princípios essenciais da filosofia africana ubuntu, apontando sua visão sobre as ideias de humanidade, de relações e de fluxo da vida. A proposta é sinalizar os consensos e as distorções de sentidos sobre as definições/traduções originais de ubuntu, de acordo com vários autores, por meio de um estudo bibliográfico e documental.

Os excessos de informação sobre ubuntu difundidas, nos últimos tempos, tem dificultado que o pensamento ubuntuístico flua para as pessoas em sua originalidade e coerência. Daí a necessidade de observar as distorções as quais, em sua maioria, deflagram um "efeito bumerangue", de retorno às ideias modernas, como se ubuntu estivesse a serviço dessa lógica e não se opondo diametralmente a ela.

A temática desta publicação acabou "nos escolhendo", a partir de um chamado que se conecta com nossas raízes ancestrais, que foi nos tocando cada vez mais profundamente, de modo a realizar este trabalho para que mergulhos também possam ocorrer nos leitores e nas leitoras, com suas consequentes transformações humanas.

*Aos mortos-viventes e aos que ainda vão nascer.*

## SUMÁRIO

# INTRODUÇÃO

É tempo de (re)pensar as relações humanas, (re)pensar as vinculações, (re)pensar o “eu” e o “outro”. É comum que crises imponham a busca por soluções, assim como também é comum que o isolamento, o “estar consigo mesmo” mobilize reflexões.

Os tempos pandêmicos trouxeram à tona feridas profundas associadas às interações humanas, como os medos, tristezas e raivas ocasionados pela solidão, pela morte e demais perdas, pelas mudanças, pelo desconhecido e pela escassez, parecendo deflagrar um processo intenso de autoconhecimento no âmbito coletivo, o qual toca as dores mais primárias da humanidade, tal como ocorre em práticas individuais de psicoterapia.

O coronavírus, que pode comprometer a função vital da respiração, faz lembrar que o ar que nos oxigena, mesmo abundante e disponível indistintamente, pode vir a nos faltar em algum momento e, com isso, a iminência da morte (concreta ou simbólica), assim como seus decorrentes processos de luto. A pandemia da covid 19 se constitui, portanto, como mais que uma crise de saúde pública e de depressão econômica. Trata-se de uma questão que afeta a integralidade humana e suas plurais dimensões.

O sentimento de estar apartado do todo, no entanto, não pode ser imputado exclusivamente ao vírus, mas também a um longo processo de “contaminação” que tem bases nas consequências da lógica colonial, capitalista e neoliberal predominante na modernidade. Crise, portanto, bem mais antiga. Tal impregnação de valores egóicos e de discursos relacionados à meritocracia, ao efêmero e ao espetáculo têm fragilizado ainda mais o sistema imunológico das relações entre humanos e natureza ao redor do globo, gerando abalos, de diversas ordens, para a experiência do vínculo.

Quem nunca, nos tempos atuais, se questionou sobre solidão e solitude, sobre sustentabilidade do planeta, relações “tóxicas” *versus* relações saudáveis? Sim, estamos em crise, flertando diariamente com desestruturações de variadas ordens.

Basta uma breve consulta a uma plataforma de busca na internet para mais uma vez se deparar com as demandas pujantes do pertencimento e do afeto, considerando que a rede mundial de computadores tem se constituído campo de observação para vários fenômenos comportamentais. Chama atenção que o questionamento “como fazer as pessoas gostarem de mim?” foi um dos mais realizados nas buscas do Google, nos anos de 2019 e 2020, em mais uma evidência da construção mercadológica da “experiência amorosa” (BAUMAN, 2008) e da carência de elos saudáveis e sustentáveis.

Ao mesmo tempo, “como ser uma pessoa fria?” aparece como uma das frases mais buscadas no último ano de 2021. Parece haver uma necessidade de lidar melhor com as emoções e com as relações, implícitas nessas frases. O que as pessoas estariam entendendo por “frieza”? Seria negar o que sentem ou conseguir se autorregularem emocionalmente? Parece haver um conflito entre querer se permitir ser-sentir e não se

autorizar a isso, simultaneamente. Paralelamente, o termo “te amo” em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi pesquisado mais do que nunca no mundo todo, segundo as informações do buscador. Observar tais dados nos instiga a refletir.

Sabemos que estamos inseridos em uma sociedade que ainda não naturalizou as emoções como parte indissociável e relevante das dimensões humanas, muito menos o reconhecimento da vulnerabilidade como condição intrínseca ao humano, em uma ilusão coletiva de que o “eu” sozinho é suficiente para a vida. Parece haver uma incapacidade de compreender que “heteronomia não é sujeição, servidão” (SAFATLE, 2018), daí uma certa avidez pela sustentação da autonomia do sujeito egóico, supostamente menos vulnerável e emocionalmente “estável”. Embora, ao mesmo tempo e paradoxalmente, a interdependência sempre acabe emergindo como necessária. Talvez por isso também, contraditoriamente, no mês de março de 2021, buscou-se majoritariamente os termos “como ajudar uma pessoa com ansiedade”, na pergunta da categoria “como ajudar”. Mais uma vez aparece o conflito entre o foco no eu e no outro.

A necessidade de (re)integração também pode ser observada no âmbito coletivo, há mais tempo, por exemplo, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu metas a serem atingidas pelos países, no início do milênio, os “oito jeitos de mudar o mundo”, registradas na Resolução nº 55/2 da Assembleia Geral da ONU. Representantes de 191 países foram signatários da “Declaração do Milênio das Nações Unidas”, durante evento realizado no período de 6 a 8 de setembro de 2000, na sede da ONU, em Nova Iorque, Estados Unidos.

Os Objetivos do Milênio (ODM) focalizaram-se em ações para promover a vida, reduzir a desigualdade entre os povos e facilitar a sustentabilidade e o desenvolvimento do planeta, em uma tentativa (medida por indicadores e com prazo específico) de “sermos um”. Uma espécie de “força-tarefa” para que as nações pudessem relembrar que pertencem todas a um mesmo mapa *mundi*, afetando-o e sendo afetadas por ele. Sendo com ele. Os ODM definidos foram: erradicar a extrema pobreza e a fome; universalizar a educação primária; promover a igualdade de gênero e a autonomia das mulheres; reduzir a mortalidade na infância; melhorar a saúde materna; combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças; assegurar a sustentabilidade ambiental e estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento. Demandas mais atuais do que nunca, mesmo mais de 20 anos depois da pactuação, e ainda sem perspectivas de serem atingidas plenamente.

Observar tal cenário ora exposto, onde integralidade e integração estão constantemente requerendo a necessidade de um olhar mais atento, nos instigou a apresentar esta publicação, cuja proposta é, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, buscar uma compreensão da filosofia africana ubuntu, de modo a identificar possíveis contribuições do pensamento ubuntuístico, em sua complexidade e singeleza, para novas formas de sentir-pensar assim como viver-experienciar.

A filosofia ubuntu teve grande importância durante o *Apartheid*, na África do Sul, inspirando o líder da nação Nelson Mandela (reconhecido com o Prêmio Nobel da Paz, em 1993) na direção de uma conciliação naquele país e sendo propagada por outra figura relevante daquele contexto, Desmond Tutu, bispo anglicano (primeiro negro a ocupar o cargo de arcebispo da Cidade do Cabo), que também foi contemplado com o Nobel, em 1984, e com o título de *doutor honoris causa* por parte de universidades dos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e Brasil. Ambos, protagonizaram a luta para que não mais houvesse segregação racial na África do Sul, com base no pensamento ubuntu.

O olhar para o outro na perspectiva de extensão, de partilha e de vida em comunidade têm papel central na ética desta filosofia. Ubuntu concebe uma consciência ecológica sobre a teia das relações que abrangem humanos, natureza, ancestralidade e o divino, desconstruindo, portanto, ideias duais de *indivíduo e competição* para seguir ideias unas de *coletividade e cooperação*. A perspectiva individualista-egóica, para ubuntu, não faz sentido, uma vez que o coletivo é condição inerente à existência, em que os sujeitos se enraízam e se nutrem em suas energias e forças vitais.

Desta forma, uma das concepções de ubuntu é de que uma pessoa não tem como ser plenamente humana sozinha, apartada desse coletivo e sem se envolver profundamente com ele. A pessoa humana é parte de um todo, que se ramifica em muitas dimensões e engloba não somente seus iguais, mas seu entorno, assim como sua ancestralidade e a (s) divindade (s). O progresso pessoal se dá somente quando se está a serviço do todo.

Já que estamos falando de não pertencimento e de desconexão (características básicas de relações fragilizadas na sociedade moderna ocidental), de diversas formas e por variados motivos, levantamos algumas questões: utilizando uma lente diferente seria possível enxergar outras possibilidades do que é o individual e o coletivo? Em que medida os princípios ubuntuísticos poderiam inspirar maneiras de se sentir-pensar os vínculos e reverberar na concepção de coletivo hoje existente?

Tendo como base a visão da decolonialidade ao adotar uma filosofia não eurocêntrica como pilar, a proposta desta publicação é apresentar uma perspectiva epistemológica e ética que enfatiza essencialmente o coletivo, de modo a compreender suas variadas interpretações. Cremos que, com isso, novos olhares para a realidade contemporânea podem emergir, tanto quanto atualizadas reflexões. E, por meio delas, oportunizar possíveis mudanças individuais e no todo, transcendendo a lógica segregadora e centrada no "eu".

O estudo também nasce de percepções sobre os processos humanos nas práticas de psicologia e, especialmente, no grupo de pesquisa vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo propósito é investigar diversas percepções de espiritualidades e de educação a partir de algumas proposições filosóficas e pedagógicas elaboradas por autores africanos. Trata-se de um trabalho que busca trazer para o cenário do debate construções epistemológicas de autores em cenários acadêmicos

diferentes de onde se predomina o pensamento europeu.

O tema ubuntu acabou “nos escolhendo”, a partir de chamados que se conectam com nossas raízes ancestrais e também com vivências no continente africano. Ubuntu foi ressoando cada vez mais profundamente dentro e fora de nós. Sentimos a necessidade de mergulhar nos conceitos, o que foi nos transformando como pessoas, de modo a realizar este trabalho para que novos mergulhos possam ocorrer a outrem, com suas consequentes transformações humanas.

## FILOSOFIA UBUNTU ATRAVÉS DOS TEMPOS

A filosofia Ubuntu, vivenciada entre os povos sul-africanos zulu e xhosa, na África Subsaariana, é considerada como a base da filosofia africana, “como uma fonte fluindo ontologia e epistemologia africana” (RAMOSE, 1999, p. 1). Trata-se de uma categoria ontológica e epistemológica no pensamento africano, mais especificamente do povo de língua bantu (tronco linguístico que originou diversas línguas africanas), que reverbera em aspectos éticos e de linguagem (Figura 1).
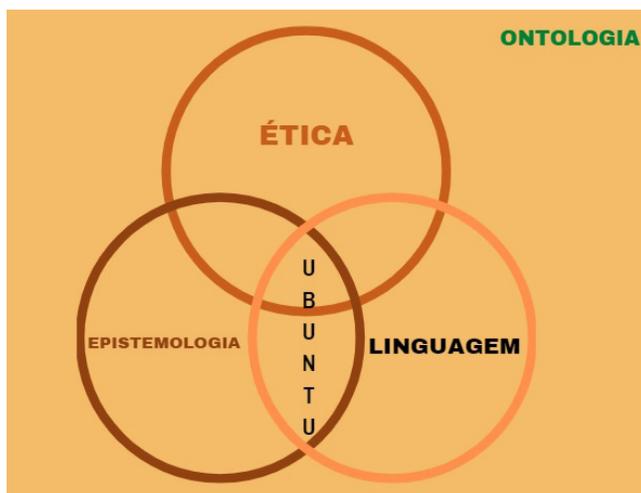
Figura 1 – Aspectos do pensamento ubuntu.

Fonte: autoria própria (2022).

Tendo a tradição oral (RAMOSE, 2010) como principal fonte de multiplicação, o conceito de ubuntu é bastante antigo naquelas sociedades, embora tenha tido destaque maior com o início da democracia da África do Sul, quando se findou o *apartheid*, no começo da década de 90 do século XX.

Kashindi (2017, p. 5) traça uma linha do tempo (Figura 2) para discorrer sobre as interpretações dos estudiosos acerca do termo *ubuntu* e explica que "ao investigar sobre o desenvolvimento histórico dos discursos escritos sobre ubuntu, Christian Gade[1] descobriu que este conceito apareceu pela primeira vez em um texto da primeira metade do século XIX (1846)", estabelecendo, em seguida, cinco marcos temporais e seus respectivos sentidos atribuídos a ubuntu, associados a cada período.

O primeiro momento ocorre de 1846 a 1980, com ubuntu, na maioria dos achados, significando *qualidade humana*. No segundo momento, que compreende os anos 60 e o final dos anos 70 do século passado, ubuntu é o mesmo que *outro ser humano como parte de si mesmo*, em uma definição de Jordan Kush Ngubane. No terceiro momento, final dos anos 70 e início dos 90 do século XX, ubuntu é tido como *humanismo africano*. No quarto momento, entre a década de 90 e o início dos anos 2000, ubuntu é o mesmo que *visão de mundo africana*. E no quinto e último momento, de 1993 até a atualidade (onde há uma sobreposição de tempo), ubuntu é entendido como *a pessoa só uma pessoa por meio de outras pessoas* (uma tradução do provérbio zulu – *umuntu ngumuntu ngabantu****)****,* conforme resume Kashindi (2017).
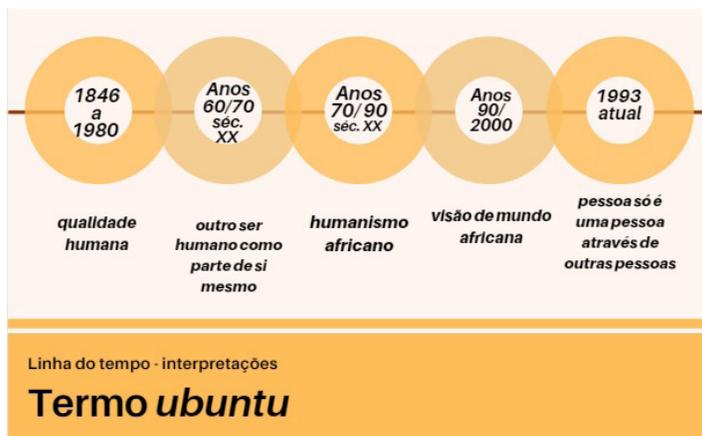
Figura 2 – Linha do tempo das interpretações de ubuntu.

Fonte: autoria própria (2022).

A palavra *ubuntu* é formada a partir de duas outras palavras: o prefixo *ubu*- e a raiz *ntu*. *Ubu* significa a existência de maneira mais ampla e *ntu* refere-se ao aspecto mais concreto da existência, individualizado, em movimento contínuo de desdobramento. Daí a compreensão de que *ubu* só existe na direção de *ntu*, que, por sua vez, precisa de *ubu* para ser.

1 Christian B.N. Gade "The Historical Development of the Written Discourses on Ubuntu", em *South African Journal of Philosophy*, Vol. 30, n.3, 2011, pp. 306. https://goo.gl/SH2SBx. Acesso em: 10/07/2013, *Nota do Autor*).

> Ubu- evoca a ideia geral de ser-sendo. É o ser-sendo encoberto antes de se manifestar na forma concreta ou modo da ex-istência de uma entidade particular. Ubu- como ser-sendo encoberto está sempre orientado em direção ao descobrimento, isto é, manifestação concreta, contínua e incessante por meio de formas particulares e modos de ser (RAMOSE, 2002, p. 2).

Ubuntu pode ser compreendido, *a priori*, como um processo contínuo que não se pode parar. Por esta razão, *ubu* pode ser considerado como *vir a ser,* o que sugere a ideia de movimento, de acordo com Ramose (2002), o *ser sendo*. *Ubu*, que dá a ideia de dinâmica, e *ntu*, a força vital. Então, ubuntu seria a vida em movimento, porque o movimento é o princípio da existência para ubuntu, "o agir tem precedência sobre o agente, sem, ao mesmo tempo, imputar uma separação radical ou oposição irreconhecível entre os dois" (RAMOSE, 1999, p. 3). Essa ideia de indivisibilidade é a base que estrutura a complexidade de ubuntu, que se observa em outros aspectos dessa filosofia e que sinaliza a necessidade de abertura para um entendimento mais aprofundado.

A noção de tempo no pensamento africano é um elemento fundamental para essa compreensão e se difere da noção ocidental. O ser humano, numa perspectiva africana, tem autoria sobre o tempo, o que lhe confere viver experiências até a suficiência de seus sentidos, ao contrário da filosofia ocidental que entende o tempo como algo ofertado às pessoas para que elas o preencham segundo seus arbítrios.

> Para a Filosofia Africana, os seres humanos fazem o tempo e eles não são feitos pelo tempo. Portanto, é tanto natural e lógico viver o tempo. Mas, para o primado da filosofia ocidental é concedido o viver no tempo. Muitas vezes, o tempo já está lá como um espaço vazio a ser preenchido. Daí a proliferação de agendas para anotar compromissos e tudo o que precisa ser feito para preencher o espaço de tempo até a morte. (RAMOSE, 1999, p. 10).

Compreender o que é ubuntu é um processo que requer subverter a lógica colonial/moderna necessariamente. Não é possível mergulhar na ideia ubuntuística sem renunciar a essa noção de sociedade e de "eu". Entrar em contato com ubuntu é expansão, abertura de novos caminhos para o (auto) conhecimento.

## CONSENSOS E DISTORÇÕES SOBRE UBUNTU

Ao mesmo tempo em que ubuntu ainda carece de pesquisas e estudos mais amplos para viabilizar entendimentos, também se constitui como um conceito muito disseminado, porém não necessariamente em alinhamento com seu(s) sentido(s) original(is). Mais que des- equivocá-lo, faz-se necessário, curiosamente, decolonizá-lo: decolonizar uma ideia que não pertence e nem nunca pertenceu às estruturas colonizadoras, mas que foi colonizado à medida em que foi tomado/ difundido por elas.

Diante disso, é preciso falar também sobre os distanciamentos e distorções acerca dos sentidos de ubuntu. Falar sobre isso, nesse caso, funciona como o martelo e o cinzel de um escultor para retirar o mármore a fim de que se delineie a obra de arte. O "excesso" de mármore pode ser considerado um ruído de comunicação: os excessos de informação difundidas sobre ubuntu obstaculizam que o pensamento ubuntuístico flua para as pessoas em sua originalidade e coerência. Por isso, é preciso remover aquilo que influencia a distorção e deflagra um efeito bumerangue, de retorno às ideias modernas, como se ubuntu estivesse a serviço dessa lógica e não se opondo diametralmente a ela.

Nessa direção, o material audiovisual "Ubuntu: potências mais além dos equívocos" mais especificamente a entrevista do filósofo Wanderson Flor do Nascimento, concedida a Silvany Euclênio, em 2020, no canal do YouTube Pensar Africanamente, foi de grande valia para elencar as mais recorrentes deturpações quanto à forma que ubuntu chega ao ocidente.

Uma delas é a de que se trata de uma *compreensão ilimitada* nas relações entre empresa e trabalhadores, mais precisamente por parte dos trabalhadores, com base em um pretenso "espírito de equipe", ideia que se acentuou com o primeiro livro sobre ubuntu em português, *best seller*, do ano de 2010, denominado "Ubuntu! Eu sou porque nós somos", assinado por Bob Nelson (dos Estados Unidos) e Stephen Lundin (do Canadá). O texto é um "romance motivacional" (NASCIMENTO, 2020) sobre a dedicação necessária para um trabalho em equipe efetivo e eficaz, utilizando supostamente os valores de ubuntu por conectar a África do Sul ao contexto, citando inclusive Nelson Mandela na capa. Neste caso, questiona-se a apropriação da ideia ubuntuística por parte de autores não africanos, em um contexto diretamente relacionado com o capitalismo, sugerindo que trabalhadores deveriam desenvolver comportamentos de "solidariedade irrestrita" (NASCIMENTO, 2020) no ambiente corporativo, ainda que seus papeis naquele contexto os excluam, por exemplo, dos lucros advindos de seu trabalho, ou seja, uma cooperação que não está a serviço da própria comunidade em que estão inseridos, mas de algo alheio a eles. Conforme pontua Nascimento (2020), durante a entrevista, uma forma de "instrumentalização de cooperação para acalmar a competitividade entre trabalhadores, de modo a subordiná-los coletivamente, uma subordinação cooperativa".

O segundo ponto de reflexão a respeito das distorções é uma pretensa tradução do

termo ubuntu, que se tornou comum, facilmente verificável na internet e que foi estimulada também com o próprio livro já citado, em seu subtítulo: *"eu sou porque nós somos".* Esse apontamento partiu de um autor do Quênia, John Mbiti, o qual abordou a colocação do indivíduo dentro de um contexto da ideia cristã de família em sua obra "As religiões africanas e a filosofia". Tal expressão começa a ser questionável pela própria relação entre o cristianismo e os países africanos, que se estabelecem de maneiras bem distintas de acordo com cada localidade e que, de acordo com Nascimento (2020), não traduz a noção de ubuntu. Neste ponto, no entanto, sinaliza-se uma discordância entre as colocações de Nascimento e alguns autores que se dedicam a estudar ubuntu, os quais veremos mais à frente e que concebem, pelo menos em essência, a pertinência dessa frase na ressonância com ubuntu.

O terceiro aspecto, levantado na entrevista, é ubuntu como "*teoria para se pensar a alteridade"*, o que, para Nascimento (2020), se constitui como essencialmente "ocidental e que elege a relação binária entre o eu e o outro, a qual faria com que a pessoa tivesse uma identidade". Para ele, ubuntu está relacionado muito mais com um pronome "nós", como se fosse um "pronome cosmológico", do que um "eu" e um "o outro". Mais adequado seria então pensar ubuntu como "teoria do nós" (NASCIMENTO, 2020).

A quarta forma de deturpação conceitual, que reforça erroneamente ubuntu a um *discurso de autoajuda*, diz respeito a um conto disseminado na internet, no início do século XXI, famoso pela imagem de várias crianças, sentadas em roda, unindo seus pés, o qual relata uma breve história sobre um antropólogo que teria feito um experimento com crianças africanas para verificar o comportamento delas diante de uma cesta de doces, colocada como objeto de recompensa para uma competição de corrida até a própria cesta. No entanto, de acordo com o conto, elas decidem por não competirem e, ao contrário do esperado pelo antropólogo-personagem, correm juntas na direção da cesta no intuito de dividirem a premiação, oferecendo uma espécie de lição a ele de que ubuntu é dividir e não ficar com todos os doces para si, desfrutando das guloseimas egoísta e solitariamente. O enredo traz uma "folclorização do pensamento complexo que é ubuntu, além de exotizar as comunidades africanas" (NASCIMENTO, 2020), já que não há registros científicos desse "experimento", com todo o rigor de especificações que uma pesquisa requer. Além disso, o fato de a mini fábula, altamente questionável e com diversos elementos colonizadores, referir-se a "uma tribo africana" demonstra ainda uma generalização grosseira para um continente com 54 países e inúmeras comunidades, acentuando a ideia de que os africanos mantêm um modo de vida muito distinto do que ocidente classifica como desenvolvimento.

Tais deturpações e generalizações podem ser vistas como parte do próprio processo colonizatório corrente, assim como essa outra de conceber ubuntu como sendo uma filosofia que contempla todo o continente africano, sem definir claramente suas origens e onde permanece existindo, e resumindo o pensamento africano somente a ubuntu.

> Outro fator que nos faz discordar das imagens sobre ***Ubuntu*** que são veiculadas hoje é a propagação de ***Ubuntu*** como a totalidade da Filosofia Africana em geral, ***Ubuntu*** como falamos no início é uma experiência particular da concepção Bantu da realidade. Não podemos identificar ***Ubuntu*** como um conceito pertencente a todo o continente africano e intuir que a Filosofia Africana se resumiria somente a ***Ubuntu*** ou que ***Ubuntu*** seria a síntese de toda a Filosofia Africana (SARAIVA, p. 4, 2019).

Interromper esse ciclo de desinformação constitui uma das missões de quem se ocupa a estudar ubuntu, como um movimento contundente de decolonização e de contribuição para que uma interpretação mais alinhada com a essência do termo seja passada a diante.

## UBUNTU E A BUSCA POR UMA TRADUÇÃO

Ubuntu revolve nossas camadas mais profundas como seres na medida em que mergulhamos nele. Enraíza-se como um baobá africano, ao mesmo tempo em que "toca o céu". Buscar tal entendimento é um processo em espiral de desconstrução e reconstrução de nosso saber-sentir, em que o todo estabelecido se fragmenta em partes e espirala se reorganizando na abrangência de sua polissemia.

Os autores escolhidos para elucidar um conceito para ubuntu o propõem de formas diversas, dialogando entre si em concordâncias e discordâncias, e podem ajudar a compreender certa diversidade no entendimento do que é ubuntu, nas várias tentativas de aproximação de sua tradução.

A publicação jornalística IHU Online, do Rio Grande do Sul, há cerca de uma década, reuniu importantes estudiosos, conhecedores dessa afro filosofia e, cada um deles, Malomalo, Cornell, Swanson, Haws, Louw, além do próprio Ramose (2010), puderam expor, nas entrevistas, suas definições. Resolvemos transcrever, na íntegra, algumas delas que mais sintetizaram o conceito (Figura 3) para que ficasse mais fácil observar os pontos convergentes e/ ou divergentes. Posteriormente, apresentamos a visão de Nascimento (2020), Kashindi (2017) e Tutu (2014; 2021).

> O sentido de ubuntu está resumido no tradicional aforismo africano ***"umuntu ngumuntu ngabantu"*** (na versão zulu desse aforismo), que significa: "Uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas", ou "eu sou porque nós somos". Ser humano significa ser por meio de outros. Qualquer outra forma de ser seria "***des***-umana" no duplo sentido da palavra, isto é, "não humano" e "desrespeitoso ou até cruel para com os outros" (LOUW, 2010, p. 5).

> Ubuntu é um sistema de crenças, uma epistemologia, uma ética coletiva e uma filosofia humanista espiritual do sul da África. (...) O ubuntu é mais um fundamento ético coletivo (ou um sistema de crenças) do que qualquer outra coisa, embora também seja considerado uma forma de filosofia e epistemologia africanas nativas. É uma forma ética de conhecer e de ser em comunidade. Nesse sentido, é uma forma de humanismo africano (SWANSON, 2010, p. 11).

> Ubuntu significa principalmente a interconexidade dos seres humanos, que é uma determinação da compreensão dos seres humanos como seres fundamentalmente livres – livres, por exemplo, de qualquer limitação fora da pessoa individual. Como o traduz a proverbial expressão xhosa, ***ubuntu ungamntu ngabanye abantu***, "a humanidade de cada indivíduo está idealmente expressa na relação com outros" ou, se me é permitido parafrasear Tutu, o ubuntu é "liberdade indivisível" (HAWS, 2010, p. 14).

> É o elemento central da filosofia africana, que concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino (Oludumaré/Nzambi/Deus, Ancestrais/Orixás), a comunidade (mundo dos seres humanos) e a natureza (composta de seres animados e inanimados). Esse pensamento é vivenciado por todos os povos da África negra tradicional e é traduzido em todas as suas línguas (MALOMALO, 2010, p. 19).

> Ubuntu é uma noção fundamentalmente ética do que significa ser um ser humano. Por conseguinte, é um aspecto crucial do que veio a ser conhecido como humanismo africano (CORNELL, 2010, p. 22).

Figura 3 - Termos mais usados para definir ubuntu.

Fonte: autoria própria (2022).

## UBUNTU – INTERDEPENDÊNCIA

De forma geral, observando as palavras mais marcantes utilizadas pelos autores para explicar ubuntu (Figura 3), o conceito ubuntuístico carrega a ideia do aforismo zulu, *umuntu ngumuntu ngabantu,* a qual frisa a ***interdependência*** como condição para a existência e sobrevivência da vida humana. A humanização, nesse sentido, se dá a partir da vida em comunidade, em que a vida serve a si mesma e às outras, simultaneamente, considerando que estar apartado do todo é o que desumaniza, dificultando as interações, o autoconhecimento/ conhecimento e a manifestação das potencialidades humanas em sua totalidade.

A interdependência na noção de ubuntu deve ser interpretada de maneira mais profunda: trata-se daquilo que torna o outro humano, viabilizando não somente a vida em grupo, mas a própria vida. Portanto, não apenas de algo desejável para facilitar a convivência, mas algo intrínseco à vivência. Como elucida Tutu (2021), não há como ser humano solitariamente. Ser humano implica na noção de coletividade e a individualidade separada dessa ideia não faz sentido, uma vez que tudo o que uma pessoa aprende é a partir da observação e interação com outros humanos, como andar, falar, pensar, se relacionar, por exemplo. O progresso pessoal se dá somente quando está à serviço do todo.

> Ubuntu é ‘você é, portanto, eu sou’. A realização individual é uma realização que depende do que está sendo feito em meu entorno por outras pessoas. Meu pai (Desmond Tutu) poderia dizer que quando um se destaca na multidão é porque está sendo carregado nos braços por outras pessoas” (TUTU, 2021, tradução nossa).

O olhar para o outro na perspectiva de extensão, partilha e vida em comunidade têm papel central na ética desta filosofia, em que o “nós” precede o “eu” (RAMOSE, 2010). Ubuntu concebe uma consciência ecológica sobre a teia das relações que abrangem humanos, natureza, ancestralidade e o divino.

Desta forma, a concepção ubuntu é de que uma pessoa não tem como ser plenamente humana sozinha, separada desse coletivo e sem se envolver profundamente com ele. A pessoa humana é parte de um todo, que se ramifica em muitas dimensões e engloba não somente seus iguais, mas seu entorno (meio ambiente, existências não humanas), assim como sua ancestralidade e a(s) divindade(s). Em outras palavras, a coletividade tem um papel central na constituição do ser humano. Eu preciso, segundo tal filosofia, de você para ser eu mesma, por isso, estamos conectados, o que ocorre com tudo e com todos.

Louw (2010) corrobora também com essa indivisibilidade quando afirma que “o verdadeiro ubuntu se opõe a tendências totalitárias levando a pluralidade a sério. Ao mesmo tempo em que constitui o ‘ser pessoa’ por meio de outras pessoas, ele valoriza o fato de que ‘outras pessoas’ sejam assim chamadas, justamente porque, em última análise, nunca podemos ‘ficar inteiramente na pele delas’ ou ‘enxergar completamente o mundo através de seus olhos’” (LOUW, p. 6, 2010). Ainda segundo Louw (2010), “a pessoa que devemos nos tornar ‘por meio de outras pessoas’ é, em última análise, um ancestral. E, da mesma forma, essas ‘outras pessoas’ incluem os ancestrais”.

Ramose lança uma luz nessa compreensão ampliada do que e de quem seriam os atores interdependentes quando afirma a primazia do todo sobre a parte: “a noção de comunidade na filosofia ubuntu provém da premissa ontológica de que a comunidade é lógica e historicamente anterior ao indivíduo” (RAMOSE, 2010, p. 9). Para ele, a coletividade é uma “entidade dinâmica” que engloba três dimensões inter-relacionadas, “vivos, mortos-viventes (ancestrais) e ainda não nascidos”, ao que ele chama de *estrutura onto-triádica* (Figura 4).
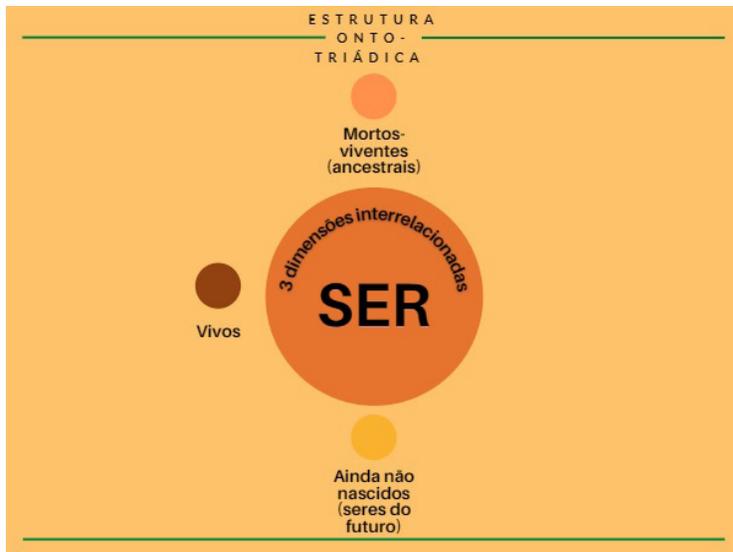
Figura 4 – Estrutura onto-triádica.

Fonte: autoria própria (2022).

Kashindi (2017) esclarece que, na visão da comunidade bantu, há uma hierarquia de existências que é fielmente considerada. No topo, está Deus, como a origem de tudo que existe; logo abaixo, estão os antepassados, que oportunizaram a vida aos que estão no mundo dos vivos (degrau subsequente da hierarquia). Entre os vivos, os idosos (bisavós, avós e pais) figuram na camada superior aos irmãos mais velhos da família até os irmãos mais novos, em seguida. Por fim, na base, vem os seres animados e inanimados, fechando a ordem hierárquica e permitindo que a vida flua na permuta de força vital entre eles. Vale destacar que hierarquia, na cosmovisão africana, "não é dominar, excluir, exterminar, aproveitar-se, mas uma responsabilidade, uma tarefa para gerar, cuidar, incluir e transmitir a vida" (KASHINDI, 2017, p. 18).

## UBUNTU - HUMANIDADE

Interpretar ubuntu como ***humanidade*** é também um viés marcante de entendimento dessa ótica de mundo, como fazem Tutu (2014), Nascimento (2020) e Kashindi (2017). Para o primeiro, a essência do humano está intrinsecamente ligada ao pertencimento, ao compartilhamento e à participação dentro do grupo, o que concebe que as relações são mais do que importantes para uma pessoa: são, na verdade, o meio pelo qual ela se torna pessoa.

> A palavra (ubuntu) significa literalmente "humanidade". É a filosofia e a crença de que uma pessoa só é uma pessoa através das demais. Em outras

> palavras, somos humanos apenas em relação aos outros humanos. Nossa humanidade é tecida por nossa interconexão, e qualquer rasgão no tecido dessa interconexão deve ser reparado para que voltemos a ser inteiros. Essa interconexão é a raiz de quem somos (TUTU, 2014, p. 16).

Para o segundo, *humanidade* também se traduz como um dos sentidos possíveis e mais adequado para ubuntu. Em língua bantu, a palavra humanidade (que tem somente uma forma de expressão em português) possui outras, além de ubuntu: *umuntu* e *uluntu*. As duas últimas referem-se, respectivamente, à capacidade da humanidade de se comunicar, além do *homo sapiens*, isto é, com tudo que há; e à humanidade organizada geograficamente (NASCIMENTO, 2020). Ubuntu diz respeito à humanidade que se entrelaça na vida em comunidade, conferindo, mais uma vez, papel central aos relacionamentos e à resolução de conflitos em benefício do coletivo.

O terceiro, Kashindi (2017), entende ubuntu como *humanidade*, levando em conta dois aspectos: a humanidade no reconhecimento do outro como também humano, ou seja, na “realização do ser humano por estar com o Outro e a humanidade como um valor (p. 19)”, tendo como integrante da humanidade toda a pirâmide hierárquica de existências já descrita. A segunda ideia de humanidade (como valor) está relacionada com o valor da vida, porque se ubuntu é fluxo vital é justamente essa fluência que justifica a interação na perspectiva interdependente.

> Quando dizemos que ***ubuntu*** é a humanidade como um valor, a principal alusão que se faz é ao valor da vida. Uma vez que todos os demais valores que expressam ***ubuntu*** – a generosidade, a solidariedade, a responsabilidade, a partilha, a empatia, a compaixão, etc – ficam sem nenhum fundamento se não servirem para gerar mais vida, vivenciar ***ubuntu*** é, então, viver sempre com valores com o intuito de aumentar tanto a própria vida quanto a dos outros. Isto é ser ***muntu***, pessoa! (KASHINDI, 2017, p. 19).

## PERDÃO COMO RECONEXÃO

Os sentidos das palavras em português ***humanidade*** e ***interdependência*** são, portanto, os mais encontrados nas referências bibliográficas sobre ubuntu, considerando o embricamento entre eles a partir dessa afro concepção. E um elemento fundamental devolve o humano egóico ao humano ubuntu: o perdão. De acordo com Tutu (2014), perdoar é um mecanismo de reconexão dos que se colocam na condição de desgarrados ao todo, é uma forma de reconhecer a humanidade do outro e a sua própria enquanto peças do grande quebra-cabeça da totalidade. Uma peça não pode ser substituída por outra para realizar o propósito de formar a grande figura, ao mesmo tempo em que, individualizada, perde seu sentido de existir, o que nos leva a refletir sobre uma noção mais profunda de individualidade, bem diferente da presente no eu moderno. Para Tutu (2014; 2021), o perdão é um elemento de unicidade social, que vai muito além de elaborações psicológicas e religiosas, embora não as excluam.

> Quando você compreende que estamos todos unidos uns aos outros – por nascimento, circunstância ou simplesmente por nossa humanidade comum –, sabe que isso é verdade. O perdão é o modo como corrigimos essas interações. É o modo como remendamos os rasgões no tecido social. É o modo como impedimos nossa comunidade humana de se desintegrar (TUTU, 2014, p.12).

Na obra, escrita em parceria com sua filha Mpho, Desmond Tutu relata as descobertas científicas a respeito da capacidade curativa do perdão em várias dimensões do ser, argumentando que perdoar ressoa na transformação humana "mental, emocional, espiritual e até fisicamente" (TUTU, 2014, p.23) e desqualificando a retaliação como forma eficaz e aceitável de reequilíbrio individual/ social.

> Talvez a ciência esteja começando a reconhecer o que na África já sabemos há muito tempo: que somos de fato interdependentes, embora a ciência ainda não possa explicar totalmente a necessidade que temos uns dos outros (TUTU, 2014, p.24).

A prática do perdão constitui-se, segundo pai e filha, como algo vivo, a ser experimentado nas relações mais íntimas e também nas mais distantes, como forma de desassociar feridas do passado (individual e social) para a construção de um presente liberado para o novo e, como consequência, um futuro mais alinhado com o que propõe ubuntu: vida fluindo para tudo e todos que existem.

Nesse sentido, o símbolo adinkra (sistema de ideogramas que reúnem valores civilizatórios do povo ganês e representam pensamentos africanos) *Sankofa*, expresso por um pássaro com a cabeça voltada para trás ou também pela variação de um coração com extremidades entrelaçadas (Figura 5) pode ilustrar essa proposição. Este símbolo sugere que é preciso revisitar o passado e aprender com os equívocos de outrora para

que seja possível então ressignificá-lo, obtendo uma concepção nova de presente, a qual oportunizará um futuro diferente.

Figura 5 – Adinkra Sankofa.

Fonte: Cardoso (p. 31).

Tutu (2014) aponta um caminho de quatro passos para se chegar ao perdão e ajudar a humanidade a progredir, tendo em vista que a capacidade de perdoar, segundo os autores, é da natureza humana, mas deve ser aprimorada na vida cotidiana. A prisão de Nelson Mandela (primeiro presidente negro da África do Sul, no período de 1994 a 1999, eleito democraticamente, e ícone na luta anti-A*partheid*, que passou 27 anos como prisioneiro, de 1962 a 1990) e sua transformação como ser humano, ou seja, da revolta até uma referência de tolerância, é citada como um exemplo desse processo alquímico subjetivo, que o "devolveu" ao seu estado de reconexão com a (sua) humanidade.

O *Caminho Quádruplo* (2014) para se manifestar o perdão consiste, explicando resumidamente, em falar sobre a história que envolveu a ferida, dando vazão às emoções pertinentes, como mágoa, raiva, tristeza, medo, por exemplo. Após esse momento de catarse emocional, de mergulhar na vulnerabilidade inerente à expressão de sentimentos, é o passo de avaliar se há disponibilidade para conceder o perdão, o que implica em desapegar do que quer que tenha ocorrido no passado e que, portanto, já não pode mais ser alterado. Posteriormente, é a fase de analisar se o relacionamento será renovado (liberando-o do que houve anteriormente e começando um novo tipo de relação) ou se a via é abrir mão dele (liberando a si mesmo e ao outro envolvido da história dolorida). Cada passo desse caminho ruma na direção de renunciar ao ciclo da vingança, conforme Figura 6.
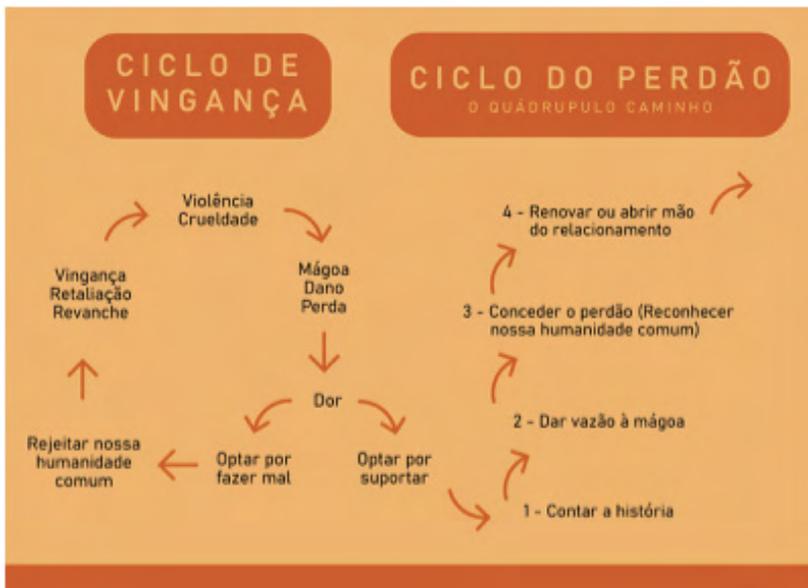
Figura 6 – Reprodução do ciclo da vingança e do perdão.

Fonte: Adaptado de Tutu (2014, p. 45).

Como a reflexão sobre o perdão passa por concebê-lo em níveis mais amplos do que o individual, como o social, por exemplo, é possível questionar sobre o modelo de justiça na contemporaneidade, que pratica muito mais um movimento punitivo (em que os crimes prestam contas ao Estado e em que o preço a ser pago pelo perpretador instiga muito mais à culpa e à retaliação) do que restaurativo, cujo intento é de reparar diretamente os envolvidos, primando pela conciliação. Neste ponto, o pensamento africano ubuntuístico também dá sua contribuição, pois entende a justiça como aquilo que mantém a harmonia entre as esferas já citadas (vivos, mortos-viventes, ainda não nascidos e natureza). A justiça de ubuntu está atrelada à interconexidade e caminha no sentido do todo e da restauração, e não da parcialidade e da retribuição, de modo a reequilibrar as descompensações ocorridas em uma perspectiva mais abrangente. A interconexidade se aplica à ideia da justiça, sempre visando a integração, o trazer de volta quem (ou o quê) estava à parte.

> O indivíduo transfere seus direitos à comunidade para suprimir a anarquia e alcançar segurança da vida e da propriedade; seu propósito é formar uma sociedade a que ele se submeteria completamente (HAWS, 2010, p. 15).

Nesse sentido, o perdão, discorrido anteriormente, não pode ser confundido com a ideia cristã de perdoar, a qual apesar de rejeitar a retaliação, não oportuniza de fato um movimento de reparação fundamental para a homeostase individual e coletiva. Simplesmente “oferecer a outra face” pode gerar pressão interna e externa.

Individualmente, acarreta, por exemplo, em repressões emocionais que obstaculizam o acesso à humanidade do outro, truncando as relações e gerando mais sentimentos incômodos, como a culpa e a raiva. Coletivamente, ficam faltas que anseiam por ser compensadas. Não se trata, portanto, de negar o conflito, algo natural entre singularidades que se relacionam, mas de se abrir para a concepção de que não há como necessariamente ter um “conjunto único de princípios éticos ou regras jurídicas” (CORNELL, 2010, p. 25).

## LIBERDADE INDIVISÍVEL

E como fica a liberdade individual diante de tanta relação com o coletivo, se o coletivo precede hierarquicamente o individual, ou seja, tem prioridade sobre ele? Tal ideia sugere que a liberdade e a autonomia do indivíduo ocorrem amparada pela responsabilidade diante do todo, o que torna as decisões individuais mais repletas de sentido e a convivência, mais funcional. Conforme explica Kashindi (2015), o entendimento de identidade é includente e não excludente: “‘eu sou porque tu não és’ (concepção excludente) para o ‘eu sou porque nós somos, e dado que somos então eu sou’ (concepção includente)”.

Liberdade, autonomia e responsabilidade estão interligadas, ao que Tutu chama de “liberdade indivisível” (HAWS, 2010, p. 14). Haws (2010) enfatiza que ubuntu se “distingue tanto do individualismo cartesiano quanto do coletivismo homogêneo”, considerando que “para me envolver com o outro como sujeito, eu também tenho de me tornar sujeito através do reconhecimento de nossa sujeição comum à história, à contingência e ao destino” (HAWS, 2010, p. 15-16).

Trata-se da ideia de que o meu espaço como *ser sendo* se mistura ao espaço de outros seres, então para que consigamos habitar plenamente espaços similares, será preciso encontrar maneiras de equilibrar nossas liberdades e necessidades vitais; a liberdade está estreitamente ligada às obrigações para com o alheio.

O foco na harmonia do todo é a referência que embasa as decisões assertivas e aceitáveis, já que negligenciar qualquer um dos elementos do todo significa negar a própria condição humana. É justamente nessa associação intrínseca com os outros que a pessoa humana vai se descobrindo em sua autenticidade, compondo a sua singularidade na medida em que compreende seu papel intransferível no mundo, justamente porque está à serviço de algo maior, que não o próprio ego. Como explica Cornell (2010, p. 24), “esse entrelaçamento não constitui quem elas são e quem devem se tornar. Pelo contrário: cada um de nós precisa encontrar uma forma de se tornar uma pessoa singular em relação ao resto”.

Ubuntu destaca a importância vital de considerar profundamente o “nós” no dia-a-dia e na concepção de mundo de modo a promover uma compreensão da diversidade cultural e da defesa da vida.

## PRINCÍPIOS DO UBUNTU (*ETHOS*)

É justamente a defesa da vida que nos leva para a ética ubuntuística. Os autores, selecionados neste estudo para a compreensão de ubuntu, são unânimes em reconhecer que ubuntu é também uma ética e o fazem por várias linhas de raciocínio.

Vale aqui repetir Ramose (1999), mais uma vez, para relembrar e reforçar que ubuntu preconiza um *ethos* que tem a vida como prioridade máxima: a partícula *ntu* da palavra significa *força vital* e o prefixo *ubu* sugere a ideia de fluxo, dinamismo. Desta forma, ubuntu se baliza por valores que mantenham o movimento da vida, como um rio que segue seu curso, fluindo através, até mesmo, dos obstáculos (contornando-os ou desgastando-os).

> O ubuntu continua sendo essencialmente uma filosofia viva que é praticada nas vidas de pessoas comuns em uma miríade de contextos em todo o continente, mostrando 'humanitariedade', solidariedade, compaixão e uma sabedoria espiritual coletiva que oferece dignidade, respeito e humanidade em sua expressão (SWANSON, 2010, p. 13).

A ética ubuntu é ativa e relacional, contribuindo para a humanização na vivência do dia após dia, considerando importante tudo o que existe e demarcando o que significa ser um ser humano (Cornell, 2010). Uma identidade grupal, que privilegia o pertencimento, é central no direcionamento ético, o qual se orienta pela intensidade da força vital. Para decidir entre o "certo" e o "errado", o moralmente aprovável e o reprovável, é preciso consultar o quanto de força vital determinada circunstância demanda para o indivíduo e para o grupo. Como resume Kashindi (2017), "as forças não têm outra finalidade senão possibilitar a geração, o cuidado e a transmissão da vida. Isso é um ponto central na ética africana" (p. 10).

A força vital é modulada nas ações de "dar e receber", componentes intrínsecas das relações. Neste sentido, quando alguém oferta algo gratuitamente ao outro e o outro recebe com reconhecimento, passando a diante a ação generosa, deflagra um novo ciclo de generosidade, responsabilidade e solidariedade envolvendo mais doadores e receptores, os quais ampliam suas forças de vida por meio da inter-relação. Assim se configura a engrenagem ética ubuntuística. Kashindi (2017, p. 14) ilustrou essa dinâmica para clarear o entendimento, de acordo com a Figura 7.
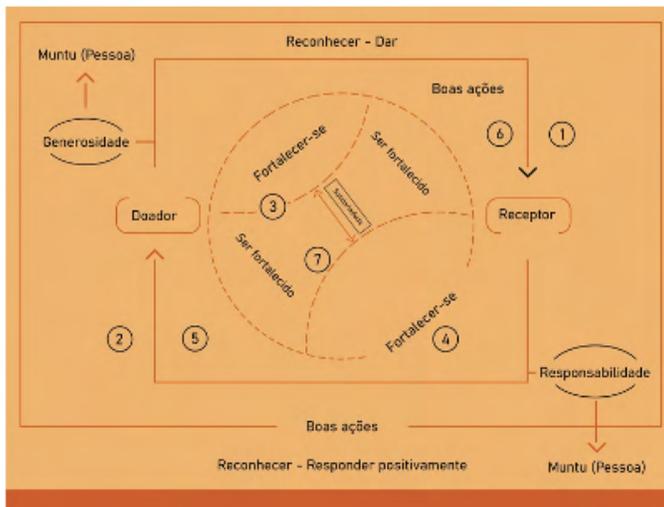
Figura 7 – Reprodução de esquema que ilustra dinâmica da ética ubuntu.

Fonte: Adaptado de Kashindi (2017, p. 14).

*Muntu*, em língua bantu, pode ser compreendido como pessoa. Quando *muntu* faz o bem (ou seja, algo que agregue para ele próprio, para o outro-*muntu* e o outro-entorno) ele ganha força vital (KASHINDI, 2017). Do contrário, a míngua. Ao passo que quem recebe passa a ter responsabilidade para com o doador e quando reconhece o que foi recebido também amplia sua força. E se responde ao ato fazendo o bem passa de doador a receptor e novamente impulsiona sua energia de vida.

> Esta inter-relação e interdependência de forças para com a vida nos conduz precisamente a pensar a ética africana, parafraseando Birch e Cobb como "ética da vida". Então, como "ética da vida", a ética africana se realiza a partir de alguns pressupostos. Os principais são*:* 1) *Motho ke motho ka batho* [idioma sesotho do sul] (A pessoa é uma pessoa através de outras pessoas); 2) *Feta Kgomo o tshware motho* [setswana] (Ignore a vaca e salve o homem, pois a vida é maior do que a riqueza); 3) *Kgosi ke kgosi ka batho* [setswana] (A soberania do rei deriva e pertence a seus súditos); 4) *Motho gase mpshe ga a tshewe* [sesotho do norte] (Nenhum ser humano pode ser absolutamente inútil) (KASHINDI, 2017, p. 11).

A entrevista do filósofo congolês Kashindi, publicada na seção *Notícias do Dia***,** no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), em 8 de novembro de 2015, é outro material jornalístico importante, produzido a partir de suas elucidações. Na publicação online, ele reforça três princípios éticos estruturantes do pensamento ubuntuístico.

O *primeiro* é que, dada a interdependência como condição inerente da humanidade, não há pessoa sem importância no mundo, na sociedade. O que remete ao segundo postulado: "se todas as pessoas são valiosas em si mesmas, segue-se que são sujeitos,

isto é, agentes que podem e devem incidir na sociedade na qual vivem" (Kashindi, 2015). O terceiro postula que cada indivíduo é como é por causa da relação com o outro, ao que chama de "intersubjetividade inerente e constitutiva das pessoas", o que não lhe subtrai a sua singularidade; ao contrário, a cria e a enriquece.

Para Malomalo (2014), o *ethos* ubuntu está calcado em princípios como cuidado e partilha; convivência, reconhecimento, respeito e tolerância; humildade; compaixão; solidariedade e responsabilidade social; e igualdade, diversidade e distribuição (Figura 22). Pode-se dizer que ubuntu tem uma ética espiritual, já que, segundo Malomalo (2010, p. 20), "para os africanos e seus descendentes, toda existência é sagrada, há um pouco do divino em tudo o que existe. A religião, como instituição social e sistema simbólico, apresenta-se como o espaço privilegiado de alimentação da 'consciência ubuntuística'".

> Mandela contava histórias sobre uma pessoa que viajava por um país e parava em um vilarejo para pedir água e comida. O que levava os habitantes da aldeia a dar aquilo de que o estrangeiro necessitava: era o ubuntu, diz ele. Esse certamente parece ser o *ethos* cultivado pelas histórias de Jesus em que ele anda pelo mundo greco-romano somente com uma túnica e sandálias (HAWS, 2010, p. 17).

Uma "cosmovisão ecológica" e um "antropocentrismo relativista" (2014, p. 20-21), diferente do que preconiza o iluminismo ocidental, segundo Malomalo, é o que ajuda o humano africano a lidar bem com a ideia de que nem tudo está subordinado a sua vontade. Há, para eles, outras vontades, pertencentes aos ancestrais e aos orixás, que também participam ativamente da vida humana e que, portanto, devem ser levadas em consideração pelas pessoas.
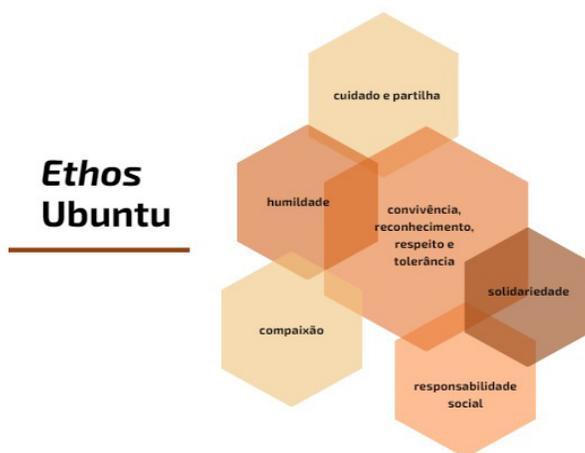
Figura 8 – Resumo de valores éticos de ubuntu.

Fonte: autoria própria (2022).

A perspectiva espiritual de ubuntu é também reconhecida por Swanson (2010, p. 11) quando afirma que essa afro filosofia constitui “um sistema de crenças, uma epistemologia, uma ética coletiva e uma filosofia humanista espiritual do sul da África”, os quais apontam para uma dinâmica mútua de sustentação de dignidades. Esse foco na dignidade alheia permite cultivar valores de forma a zelar pelo fortalecimento da teia coletiva, o que, consequentemente, resulta em enraizamento interno no nível individual. E são esses valores desenvolvidos por *muntu*, com o olhar voltado ao coletivo, que acabam surpreendentemente por moldá-lo em sua autenticidade, concedendo-lhe um alcance mais profundo de suas próprias potencialidades humanas.

# REFERÊNCIAS


ARANTES, M. M *et al.* (Orgs.). Estratégias didáticas em tempos de pandemia In: **Pandemia e Pandemônio: reflexões sobre educação emocional em tempos de coronavírus.** Recife: Editora UFPE, 2020.

BALLESTRIN, L. **América Latina e o giro decolonial.** In: Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11, Brasília: maio - agosto de 2013, p. 89-117.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Tradução Luis Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas.** Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008

BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos.** Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2010

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001

BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFOGUEL, Ramón. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas.** In: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p.31-61.

BOGDAN, R. C e BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1994, p.13-51

BRASIL. Ministério da Saúde. **Realidade imposta pela pandemia pode gerar transtornos mentais e agravar quadros existentes**. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021-1/outubro/realidade-imposta-pela-pandemia-pode-gerar-transtornos-mentais-e-agravar-quadros-existentes. Acesso em: 08 de janeiro de 2022.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Sobre a doença. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 21 de agosto de 2020.

CARDOSO, H. C., **Ubuntu: a filosofia dos símbolos africanos.** Disponível em: https://www.ceuubuntu.org.br/filosofia_africana/. Acesso em: 20 de dezembro de 2021.

CAVALCANTE, K. L., **Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano.** Revista Semiárido De Visu, Petrolina, v. 8, n. 2, p. 184-192, 2020.

CORNELL, D. **As relações entre o "eu" e o "outro": o ubuntu como prática ética da singularidade.** Entrevista concedida a Moisés Sbardelotto. Tradução: Luís Marcos Sander. Revista IHU Online, São Leopoldo-RS, Edição n. 353, p. 23 a 26, dezembro/2010.

EVARISTO, C. **Becos da Memória**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. E-book.

EVARISTO, C. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Depoimento. Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html. Acesso em: 28 abr. 2021.

EVARISTO, C. **'Escrevivência': Conceição Evaristo fala sobre seu processo criativo no Roda Viva**. Entrevista concedida ao jornalista Paulo Werneck no programa Roda Viva, da TV Cultura, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PppP5_TQjQE. Acesso em: 16 abr. 2022.

FANON, Franz. **Os condenados da terra.** Juiz de Fora-MG: Editora UFJF, 2010.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador-BA: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, L. H; BARBOSA, A. **Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e2015483, p. 1-24, 2020. Disponível em: https://www.revistas2.uepg.br/index. php/praxiseducativa

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FREIRE, P. **Cartas à Guiné Bissau**: **registros de uma experiência em processo.** 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978

GAIARSA, J. A. **Respiração, angústia e renascimento.** São Paulo: Ícone Editora, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

G1/GLOBO.COM/RFI. No Chile, **o deserto do Atacama abriga lixão tóxico da moda descartável do 1° mundo**. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/11/10 /no-chile-o-deserto-do-atacama-abriga-lixao-toxico-da-moda-descartavel-do-1-mundo.ghtml. Acessado em: 06 de janeiro de 2022.

GOOGLE TRENDS. **Brasil: Pesquisa ano 2020 e 2019**. Disponível em: https://trends. google.com.br/trends/explore?date=2020-01-01%202020-12-1&q=Como%20fazer%20 que%20as%20pessoas%20 gostem%20de%20mim&geo=BR. Acessado em: 19 de setembro de 2021

HAWS, C. **Ser por meio dos outros: o ubuntu como cuidado e partilha**. Entrevista concedida a Moisés Sbardelotto. Tradução: Luís Marcos Sander. Revista IHU Online, São Leopoldo-RS, Edição n. 353, p. 14 a 18, dezembro/2010.

KASHINDI, J. B. K. **Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva**. Tradução: Henrique Denis Lucas. Cadernos IHU Ideias - Unisinos, São Leopoldo-RS, ano XV, nº 254, v. 15, 2017.

KASHINDI, J. B. K. **Metafísicas Africanas - Eu sou porque nós somos**. [Entrevista cedida a] Ricardo Machado - **Sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, seção Notícias do Dia**, São Leopoldo-RS, 2015. Disponível em: https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6252-jean-bosco-kakozi-kashindi. Acessado em 07 de fevereiro de 2022.

KOHAN, W. **Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e2016212, p. 1-9, 2020 Disponível em: https://www. revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1991.

LEAL, A. L; RÖHR, F; JUNIOR, J. P, **Resiliência e espiritualidade: algumas implicações para a formação humana**, Conjectura, v. 15, n. 1, jan./abr. 2010.

LOUW, Dirk J. **Ser por meio dos outros: o ubuntu como cuidado e partilha**. Entrevista concedida a Moisés Sbardelotto. Tradução: Luís Marcos Sander. Revista IHU Online, São Leopoldo-RS, Edição n. 353, p. 5 a 7, dezembro/2010.

MALOMALO, B. **Filosofia do Ubuntu: valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento.** Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.

MALOMALO, B. **"Eu só existo porque nós existimos": a ética Ubuntu.** Entrevista concedida a Moisés Sbardelotto. Tradução: Luís Marcos Sander. Revista IHU Online, São Leopoldo-RS, Edição n. 353, p. 19 - 22, dezembro/2010.

MBEMBE, A. **Necropolítica – biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte.** São Paulo: Editora N-1 Edições, 2018.

MINAYO, M. C *et al.* (Orgs.). **Pesquisa Social – teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, W. F. Ubuntu: potências mais além dos equívocos. [Entrevista cedida a] Silvany Euclênio. **Pensar Africanamente – Canal YouTube**, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=c2KsxlZFJMc. Acesso em: 28 de novembro de 2021.

RAMOSE, Mogobe B. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

RAMOSE, Mogobe B. **A ética do ubuntu.** Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.

RAMOSE, M. B. **A importância vital do "Nós".** Entrevista concedida à Moisés Sbardelotto. Tradução: Luís Maros Sander. Revista IHU Online, São Leopoldo-RS, ed. 353, ano X, p. 8 - 10, dezembro/2010.

RÖHR, F. *et al.* (Orgs.). **Diálogos em educação e espiritualidade**. Recife: Universitária UFPE, 2012. 410 p.

RÖHR, Ferdinand. **Educação e espiritualidade: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

RÖHR, Ferdinand. **Espiritualidade e Formação Humana.** Poiésis, Tubarão, v. 1, n. esp., p. 53-68, 2011.

RÖHR, F. **Ética e subjetividade na educação: uma abordagem integral da educação que inclui a espiritualidade**. [Artigo online], 04 nov. 2014. Disponível em: Ética e subjetividade na educação: uma abordagem integral da educação que inclui a espiritualidade - Ferdinand Rohr :: Educação e Espiritualidade (webnode.com.br). Acesso em: 27 out 2021.

RÖHR, F. **Reflexões em Torno de um Possível Objeto Epistêmico da Educação**. Pro-Posições (Unicamp), Campinas SP, v. 18, n.n. 1, p. 51-70, 2007.

SAFATLE, W. Por um colapso do indivíduo e de seus afetos. **Café Filosófico CPFL – Canal YouTube, 2018.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DKLIg6g6pSg. Acesso em: 10 de abril de 2022.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SARAIVA, L. A, **O que e quem não é ubuntu: crítica ao "eu" dentro da filosofia ubuntu.** Problemata: R. Intern. Fil. v. 10. n. 2, p. 93-110, João Pessoa, PB, 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SOARES, L. S; MACHADO, P. S. **"Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social**. *Rev. psicol. polít.* [online]. 2017, vol.17, n.39, pp. 203-219.

SWANSON, Dalene. **Ubuntu, uma "alternativa ecopolítica" à globalização econômica neoliberal.** Entrevista concedida a Moisés Sbardelotto. Tradução: Luís Marcos Sander. Revista IHU Online, São Leopoldo-RS, Edição n. 353, p. 10 - 13, dezembro/2010.

TUTU, D. e M., **O livro do perdão: para curarmos a nós mesmos e o nosso mundo**. Compilação: Douglas C. Abrams; Tradução: Heloísa Leal, Rio de Janeiro: Valentina, 2014.

TUTU, M. **A fully embodied way of leadership with Ubuntu and forgiveness. [Entrevista cedida a] Caroline Glasbergen** - New Female Leaders – Canal YouTube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9wouDSXK1nw. Acesso em: 22 de dezembro de 2021.

**Ubuntu na internet**

**Canais Youtube**

**ANIME – Africanidades, Imaginário e Educação – Unilab, entrevista "A Filosofia do Ubuntu",** com prof. dr. Bas'Ilele Malomalo, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kSo9ojYwq2g&t=4336s

**Caio Souto - Conversações filosóficas, entrevista "A filosofia africana do Ntu",** com o filósofo Bas´Ilele Malomalo, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6R8pj1kBlmY&t=2641s

**Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, palestra "Pensar o contemporâneo",** com Mogobe Ramose, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yn4fn5BRT1c&t=122s

**Claretiano TV, palestra online "Filosofia Ubuntu: Diálogos sobre Ética e Alteridade"**, com prof. Dr. José Osmar Silva, 2020 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Mc0SNTpvmy0&t=5592s

**Maxwell Institute, "Forgiveness"**, com Mpho Tutu van Furth, MIPodcast #81, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zzjsvZCc7yQ

**Núcleo de Direitos Humanos - Unisinos, palestra "La vivencia de Ubuntu y la descolonización africana,** com Jean-Bosco KakoziDisponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b3sCK6zKks4&t=527s

Pensar Africanamente, entrevistas "Ubuntu: potências mais além dos equívocos", 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=c2KsxlZFJMc.

**Templeton Prize, palestra "Who we are: human uniqueness and the African spirit of Ubuntu"**, com Desmond Tutu, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0wZtfqZ271w

**University of KwaZulu-Natal South Africa**, **palestra "Ubuntu and Inclusive Epistemology in Higher Education"**, com Mogobe Ramose, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BoljcIlOyW4&t=1643s

## SOBRE AS AUTORAS

**TACIANA CAMILA CHIQUETTI -** Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialização em Psicologia Transpessoal (Associação Norte-Rio-Grandense de Psicologia Transpessoal). Formação em Psicanálise (Colégio Brasileiro de Psicanálise-RJ). Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte e Comunicação Social – Jornalismo pela PUC Campinas-SP. Atua como psicóloga clínica (www.webterapia.com.br).

**MARIA SANDRA MONTENEGRO SILVA LEÃO -** Possui Doutoramento em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. Professora Associado I da Universidade Federal de Pernambuco. Leciona no curso de Pedagogia e demais licenciaturas no Centro de Educação da UFPE. Professora e Pesquisadora do Mestrado em Direitos Humanos da UFPE e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Pesquisa e orienta as seguintes temáticas: Ética e Alteridade; Direitos humanos e Educação em diversos espaços de formação humana. Espiritualidade e Educação.

Ano 2022

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

@atenaeditora

www.facebook.com/atenaeditora.com.br

# Filosofia Ubuntu:

## Busca de sentidos, caminhos para compreensões

Ano 2022

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

# Filosofia Ubuntu:

## Busca de sentidos, caminhos para compreensões